

Sobre pesquisar IHC

Clarisse Sieckenius de Souza¹

Há cerca de 20 anos, quando a comunidade brasileira de IHC começava a despontar, a escolha de seu nome foi motivo de várias discussões. Internacionalmente, duas denominações predominavam: Computer-Human Interaction e Human-Computer Interaction. A ordem dos termos revelava a controvérsia sobre onde deveria recair o foco das investigações da área de conhecimento em questão. A decisão por "Interação Humano-Computador", apesar de soar estranha no nosso idioma, tinha a vantagem do acrônimo, IHC, ser um rodízio de letras dos mais usados na época (CHI e HCI). Porém, IHC pode ser também o acrônimo de uma denominação diferente, onde o foco é claro e o vocabulário menos estranho: a de "Interações Humanas por/com Computadores". A mudança fundamental fica na primeira parte do possível nome, direcionando o foco da área para interações humanas feitas por intermédio, ou com o apoio, de qualquer tipo de computador (um termo que também merece revisão, mas não trataremos delas aqui). Interações humanas são, há séculos, o principal fenômeno de interesse das ciências humanas e sociais. A parte que cabe à computação, pelos avanços de IHC, é justamente criar e pôr em uso novos modos e meios para este fenômeno acontecer, transformando radicalmente as práticas sociais e também o ser humano que é seu agente, interessado e beneficiário.

Nós, que atuamos no campo da Informática, trabalhamos na construção deste poderoso motor de transformação, não apenas da vida dos outros, mas também da nossa. Neste ponto é interessante considerarmos o papel que temos a cumprir. Em qualquer área de conhecimento, pesquisar é um ofício cuja função primordial é garantir a prosperidade da vida (das espécies do planeta, das sociedades e das culturas). Este ofício se pratica através da busca, elaboração, validação, divulgação, troca, crítica e evolução do conhecimento. Os principais instrumentos do pesquisador são, por um lado, os métodos e técnicas de investigação que utiliza e, por outro, sua capacidade de perguntar, imaginar e surpreender-se. É oportuno lembrar que em muitas universidades pelo mundo, o título de doutor, que é marca final da formação profissional para a pesquisa, está associado à filosofia. Em inglês o "PhD" ou "DPhil" é um /Doctor of Philosophy/, numa alusão clara à noção aristotélica de que a filosofia e o conhecimento têm sua origem na capacidade humana de "maravilhar-se" com a realidade.

A função social do pesquisador de IHC é portanto contribuir para a prosperidade /da vida/ através da geração de conhecimento que aprimore constante e seguramente os modos e meios de interações humanas de que esta vida depende. Tal como qualquer outro pesquisador, de qualquer outra área, o pesquisador de IHC tem de adotar o hoje dominante princípio de "pensar globalmente e agir localmente". Escolher cuidadosamente um foco

¹ Departamento de Informática – SERG – PUC-Rio – Rio de Janeiro/RJ.
clarisse@inf.puc-rio.br

compatível com a sua escala individual humana e persegui-lo tendo sempre em conta três coisas principais: o conhecimento gerado por outros pesquisadores (não somente de nossa área); a sensibilidade para perceber como está a vida à sua volta; e o compromisso de fazer com que seu trabalho sirva, em última instância, para protegê-la e melhorá-la.

Os desafios são muitos. Como se trata de um trabalho interdisciplinar, a forma como nos relacionamos com o que não sabemos torna-se mais importante do que com aquilo que sabemos. Dentre o que não sabemos está o que devemos aprender com outros e o que precisamos descobrir nós mesmos. Fazer a diferença não é uma tarefa simples, não importa em que campo do saber. Mas particularmente em IHC, dada a penetração das tecnologias digitais em todos os setores da vida humana contemporânea, a tarefa exige que o pesquisador desenvolva a capacidade de dialogar com outras áreas de conhecimento. Este é um exercício que o sistema educacional vigente tem ensinado mal, em várias partes do mundo, até mesmo em países onde estão algumas das principais lideranças científicas. O resultado é que a dificuldade de perceber o que não se sabe e de como relacionar-se produtivamente com isto tem levado investigadores de muitas áreas a atitudes por vezes acuadas e por vezes arrogantes. Ambas são igualmente prejudiciais à nossa missão social. O pesquisador de IHC, no entanto, está bem posicionado para desenvolver na sua prática interdisciplinar necessária e constante o autoquestionamento e a capacidade de ouvir. Tudo o que ele não sabe é uma oportunidade para buscar e encontrar alguém que sabe e, assim, para criar estimulantes parcerias intelectuais, provavelmente o maior bônus de trabalhar na área que escolheu. Somos parceiros naturais de engenheiros, matemáticos, lógicos, físicos, designers, sociólogos, psicólogos, antropólogos, educadores -- a lista é longa e sequer consigo pensar claramente sobre que áreas do conhecimento excluir.

Por tudo isto, penso que IHC é uma das áreas mais nobres da Informática, pois é ela a que investiga como e por que a sociedade pode se beneficiar com o uso de computadores. O papel que cada um de nós pode desempenhar no seu imenso e complexo projeto científico é bem modesto. Portanto, o importante é que escolhamos bem o nosso objeto de estudo e que não percamos nem o foco, nem o contexto do nosso trabalho. Também é importante estimularmos e defendermos obstinadamente a diversidade de perspectivas e abordagens. A meta é conquistar o respeito de uma comunidade científica, não a unanimidade; trabalhar para ser ouvido, não para ser obedecido. O pesquisador que pensa diferente, e bem, contribui para o debate. Deixo, então, aqui a minha mensagem esperançosa, para mestrandos e doutorandos que se dedicam e dedicarão a IHC: sejam criativos, atentos, disciplinados, competentes e comprometidos. Esqueçam os campeonatos -- especialmente os de fama -- e trabalhem "pela vida", como bons cientistas que podem ser. Se é verdade que a computação pode acelerar e tem acelerado muitos processos humanos, organizacionais e industriais, será sempre bom lembrar que alguns dos ciclos da vida são, e devem ser, longos. Dêem tempo ao tempo que é necessário e asas aos seus talentos. Assim estarão fazendo com que nos vejamos a nós mesmos, e também sejamos vistos pelos nossos pares (e ímpares), como uma comunidade à altura de seus desafios.



Clarisse Sieckenius de Souza é Bacharel em Tradução e Interpretação de Conferências - Inglês, Francês (1979), mestre em Língua Portuguesa (1982) e doutora em Lingüística Aplicada (1987) pelo Departamento de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. É professora titular do Departamento de Informática da PUC-Rio. Sua pesquisa concentra-se na área de Interação Humano-Computador (IHC), da qual foi uma das pioneiras na Ciência da Computação brasileira. Seus principais interesses na área são: abordagens teóricas e científicas de IHC, métodos de avaliação de interfaces e interação com sistemas, comunicação mediada por computador, end-user programming e sistemas de explicação. Em 2010 voltou-se para o ensino de raciocínio computacional para crianças e jovens, trazendo seus interesses de pesquisa para este campo e propondo que programação - neste contexto - é uma forma de auto-expressão através de software. Clarisse é a criadora da Engenharia Semiótica, uma teoria de base semiótica para IHC, e (co)autora de artigos e livros internacionalmente publicados. Foi por cinco anos membro do Comitê Assessor de Ciência da Computação do CNPq. De 2009 a 2015 foi detentora de bolsa de "Cientista do Nosso Estado" concedida pela FAPERJ. Em 2010 foi agraciada com o ACM SIGDOC Rigo Award e em 2013 tornou-se membro da ACM SIGCHI CHI Academy. Em 2014 recebeu o título de HCI Pioneer, outorgado pelo Comitê Técnico de Interação Humano-Computador (TC13) da IFIP. Também em 2014 foi selecionada como uma das 52 pesquisadoras mulheres a figurarem na primeira edição do CRA-W / Anita Borg Institute Notable Women in Computing Card Deck, uma iniciativa para estimular maior adesão das meninas às carreiras ligadas à Computação. Em 2016 recebeu o Prêmio do Mérito Científico da SBC.